

# CONTANDO A CULTURA INDÍGENA ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS E DOS SENTIDOS

Sandra Prado de Lima<sup>1</sup>  
Ana Karolina Miranda de Moura

**Resumo:** O trabalho pretende apresentar um projeto realizado na Rede Municipal de Campinas sobre a cultura indígena, a fim de possibilitar o acesso desse legado fundamental para a compreensão da identidade brasileira, de uma maneira que alcance a atenção de todos os alunos, através da adaptação de contos indígenas para contação de histórias e a montagem de uma oficina sensorial na escola. Como referencial teórico foi utilizada a literatura que fundamenta a inclusão do público-alvo da Educação Especial na escola regular e defende as práticas pedagógicas que mobilizem e beneficiem todos os aprendentes. A metodologia utilizada é a narrativa a fim de construir significados em relação às experiências vividas no exercício do projeto desenvolvido pelas autoras.

**Palavras-chave:** Cultura indígena; inclusão; educação especial; contação de histórias; oficina sensorial; ensino fundamental.

## Uma verdadeira inclusão tem que ser para todos? A magia da contação de história e suas sensações entram na sala de aula...

A inclusão escolar requer ações que realmente propõe mudanças principalmente na organização pedagógica, não justifica-se mais segregar nenhum aprendente e muito menos discriminar, portanto, é primordial reconhecer, valorizar e respeitar as diferenças. Para que seja assegurada a equidade de oportunidades no processo educativo é necessário considerar as diferenças naturais e sociais e eliminar barreiras. Principalmente essas últimas, as sociais, produzidas pelas relações de poder estabelecidas através da dominação ideológica vigente de uma sociedade.

É necessário superar antigas crenças constantemente para conseguir direitos e equidade de oportunidades a todos os educandos, por meio das práticas que envolvam a turma toda. O desafio é mobilizar toda a comunidade escolar, pois muitos não acreditam que crianças com deficiência são capazes de aprender. Conforme ressalta MANTOAN (2008, p. 65) sobre a atuação do professor:

Certamente um professor que engendra e participa da caminhada do saber com seus alunos e mediado pelo mundo consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provocar a construção do conhecimento com maior adequação. Os diferentes sentidos que os alunos atribuem a um dado objeto de estudo e suas representações vão se expandindo e se relacionando e revelando, pouco a pouco, uma construção original de ideias que integra as contribuições de cada um, sempre bem-vindas, válidas e relevantes. Pontos cruciais do ensinar a turma toda são o respeito à identidade sociocultural dos alunos e a valorização da capacidade de entendimento que cada um deles tem do mundo e de si mesmos. Nesse sentido, ensinar a turma toda reafirma a necessidade de se promover situações de aprendizagem que formem um tecido colorido de conhecimento, cujos fios expressam diferentes possibilidades de interpretação e de entendimento de um grupo de pessoas que atua cooperativamente.

---

<sup>1</sup> E-mail: [sandradelima12@hotmail.com](mailto:sandradelima12@hotmail.com).

A ideia foi pensar nestas possibilidades para promover mudanças a partir de um trabalho que incluísse todos os alunos através da contação de histórias e apostar no trabalho com as percepções sensoriais. Contudo, a preocupação maior foi desenvolver a temática indígena em articulação com o projeto pedagógico da escola numa perspectiva interdisciplinar, além de aliar práticas inclusivas, transformar a aula em um momento mágico e ainda contribuir para a aprendizagem global.

Utilizamos o livro de Daniel Munduruku “Um sonho que não Parecia Sonho” que foi adaptado para contação de história, destacando conceitos ligados ao ensino da cultura indígena.

Na sequência, o projeto culminou na oficina sensorial elaborada para a IV Flisello – Festival Literário da Tosello, que reproduziu o ambiente da mata dentro da sala de aula. Logo na porta da entrada, havia a figura de uma criança indígena com uma frase do autor Daniel Munduruku em Braille. Em seguida, ao entrar na sala foi contemplado o sentido do tato, pois havia uma trilha com folhas, galho de árvores para se percorrer e a mostra de alguns utensílios de origem indígena, mais a reprodução de alguns animais em pelúcia e borracha... Para estimular a audição, adquirimos apitos que reproduziram os sons de pássaros, uma fonte que jorrava água e de fundo musical um CD com os sons da natureza. O olfato foi estimulado através do cheiro das folhas, além das ervas aromáticas. O paladar foi aguçado através da degustação de alimentos tipicamente indígenas. A interação com as crianças aconteceu em forma de rodas de conversa para verificar qual foi a percepção de cada um ao entrar no ambiente da sala sensorial. Na semana do encerramento do projeto, tivemos o privilégio de contar com a presença do autor homenageado Daniel Munduruku na escola.

Na EMEF Júlio de Mesquita Filho, a apresentação da contação de *Um sonho que não parecia sonho* foi o fechamento do projeto de contos indígenas para as turmas de terceiro ano e foi interpretada em LIBRAS para os alunos surdos das turmas.

## Vivências

A metodologia elencada neste artigo e registro das memórias da vivência nesse projeto foi à narrativa, uma vez que, existe a necessidade de troca de experiências e de um diálogo mais abrangente sobre as práticas e dilemas vividos no interior das unidades escolares com o meio acadêmico, e sendo a narrativa e a contação de histórias exercícios potencializadores da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental e praticados pelas autoras do projeto narrado neste artigo, (PRADO & SOLIGO, 2005, p. 7), vem ao encontro desse olhar ao afirmarem que:

A narrativa é um excelente veículo para tornar público o que fazemos – assim podemos ter as nossas histórias contadas. Isso é fundamental, porque a memória dos profissionais é pouco valorizada em nossa cultura. E há muitas histórias por contar... Ao narrar nossa experiência, podemos produzir no outro a compreensão daquilo que estamos fazendo e do que pensamos sobre o que fazemos.

Para além da formação das crianças de ensino fundamental, da valorização do trabalho docente e da possibilidade da compreensão do outro das nossas práticas e reflexões acerca delas, a narrativa se apresenta como instrumento de transformação do professor-pesquisador em relação ao próprio trabalho e de sua identidade como educador.

## Considerações finais

Os resultados obtidos, desses momentos, um dos quais se perpetuaram na memória das crianças, cada qual com seu jeito especial de ser, repleto de significados e emoções

foram o aflorar dos estímulos sensoriais, a presteza nas interpretações, interesse em participar de teatros, e ainda propiciou aos alunos a expandir os limites da imaginação e criatividade, favorecendo a aquisição do hábito de leitura, principalmente nos livros que foram adaptados para contação de histórias.

Há uma troca de encantamentos, pois nos realizamos profissionalmente quando observamos o brilho nos olhos, a atenção e concentração das crianças quando elas escutam a história, e ao mesmo tempo, as crianças se deslumbram quando se deparam com a contação de histórias feita de uma maneira simples com pequenos efeitos especiais, das cores, sabores, cheiros, luzes, sensibilidade e objetos surpresa que vão surgindo no decorrer da história. Essa magia que nos atrai para continuarmos firmes nessa empreitada.

## **Referências**

MANTOAN, M. T. E. (Org.) *O Desafio das diferenças na escola*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUNDURUKU, D. *Um sonho que não parecia sonho*. São Paulo: Caramelo, 2007.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. Memorial de Formação: quando as memórias narram a história de formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura (Org.). *Porque escrever é fazer história. Revelações subversões superações*. 2. ed. Campinas: Gráfica FE-UNICAMP, 2005, v. 1, p. 47-62.